



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV

COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RÁDIO E TV

MIRIAM DA SILVA ARAUJO

**“SABORES DA TERRA” AS EXPERIÊNCIAS COMUNICACIONAIS
NA UNIDADE DE PRODUÇÃO DAS MULHERES DE PAPAGAIO**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2016**

MIRIAM DA SILVA ARAUJO

**“SABORES DA TERRA” AS EXPERIÊNCIAS COMUNICACIONAIS
NA UNIDADE DE PRODUÇÃO DAS MULHERES DE PAPAGAIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Me. Moisés dos Santos Viana.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2016**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Departamento de Educação – Campus XIV -

A663s Araujo, Miriam da Silva
“Sabores da Terra” as experiências comunicacionais na unidade de produção das mulheres de Papagaio. -- / Miriam da Silva Araujo. Conceição do Coité: O Autor, 2016.
61fls.;il.: 30 cm.

Orientador: Prof. Me. Moisés dos Santos Viana.
Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Conceição do Coité, 2016.

1. Experiências de Comunicação. 2. Interação Simbólica. 3. Grupo Sabores da Terra. I. Moisés dos Santos Viana. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação-Campus XIV. III. Título.

CDD: 301.1

MIRIAM DA SILVA ARAUJO

**“SABORES DA TERRA” AS EXPERIÊNCIAS COMUNICACIONAIS
NA UNIDADE DE PRODUÇÃO DAS MULHERES DE PAPAGAIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Me. Moisés dos Santos Viana.

Aprovada em: 10/06/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Moisés dos Santos Viana

Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Profa. Dra. Rosane Meire Vieira de Jesus

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA

Esp. Ana Naara da Silva e Silva

Especialista em Gestão de Pessoas - Faculdade de Tecnologia e Ciências- FTC Feira de Santana

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus pela força e coragem que me proporcionou durante esta longa caminhada.

A minha mãe Margarida, meu pai Raimundo, minha irmã Reinária e meu irmão Renan, que mesmo distante deles fisicamente nos momentos de dificuldades e desânimo por meio de nossos laços, consegui absorver a segurança e a força para perseverar.

A todos/as amigos/as de Curso e todos/as professores/as que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao meu orientador Professor Moisés dos Santos Viana pela paciência de ouvir meus questionamentos, dando-me, muitas vezes, a segurança que me faltava com seus valiosos ensinamentos.

Agradeço a minha amiga e colega Alana Dantas por me acompanhar em vários momentos neste projeto de pesquisa com seu olhar fotográfico.

A todos/as aqueles/as que me incentivaram e contribuíram direta ou indiretamente na realização dessa conquista, sou eternamente grata.

E de modo muito especial a cada mulher do “Grupo Sabores da Terra”, por me ensinarem a sabedoria do cotidiano da vida, os meus sinceros agradecimentos: à Claudia Joyce, Cleide, Marinês, Eliana, Eliete, Josielma, Keila, Maria José e Tamires. Obrigada!

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho é descrever as formas de experiências comunicacionais e suas interações simbólicas, especificamente os sujeitos do “Grupo Sabores da Terra” uma unidade de produção de alimentos oriundos da agricultura familiar, constituída por mulheres da comunidade de Papagaio, Valente-BA. O método utilizado é pesquisa etnográfica com a observação participante com a técnica de diário de bordo e fotografia. Destacam-se *a natureza da comunicação e sua interação simbólica*, abordando contextualização da unidade produtiva em que se pode caracterizar as Experiências de Comunicação no “Grupo Sabores da Terra”. Daí a Comunicação Social sendo provocada à interpretação enquanto referências culturais locais e simbólicas.

Palavras-chave: Experiências de Comunicação. Interação Simbólica. “Grupo Sabores da Terra”.

ABSTRACT

The aim of this study is to describe the forms of communication experiences and their symbolic interactions, specifically the subject of "Earth Flavors Group" a food production unit coming from family farming, are women kite community, Valente - BA. The method used is ethnographic research with participant observation with the logbook technique and photography. Noteworthy are the nature of communication and its symbolic interaction, addressing contextualization of the production unit in which one can characterize the Communication Experiences "Earth Flavors Group". Hence the Media being caused to interpretation as local and symbolic cultural references.

Keywords: Communication experiences. Symbolic Interaction. "Earth Flavors Group".

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - A cor forte na parede para além da reforma necessária sobressai na vegetação rural tipicamente do semiárido baiano	29
Figura 02 - Algumas modificações internas no que se refere a organização de objetos e externa principalmente	30
Figura 03 - Os biscoitos de licuri e os sequilhos finalizados chegando a sua forma de arte	31
Figura 04 - “Representar e compartilhar” nesta forma plástica (estética)	32
Figura 05 - Um pequeno recorte de papel com uma descrição que retrata mesmo que inconscientemente a arte ao desenrolar as experiências	33
Figura 06 - Um contexto tornando-se imagem e uma marca se transformando em realidade, um fenómeno comunicativo	34
Figura 07 - Comunicação representada e estruturada simbolicamente	35
Figura 08 - É possível considerar uma transmissão, um compartilhamento e uma criação coletiva de sentimentos	36
Figura 09 - As relações deixam de ser mediadas apenas pelos eventos sociais, passando aos contornos das imagens	37
Figura 10 - Tornam – se algo material e palpável	37
Figura 11 - Marcas representativas e contextuais	38
Figura 12 - Nas fardas e/ou uniformes de trabalho bem como os produtos pode-se encontrar estes retratos aplicados e/ou pintados	39
Figura 13 - No que dizem respeito a gestos elas operam dentro de uma organização de integração coletiva solidária e comunitária	40
Figura 14 - De maneira artesanal as mulheres dão forma aos biscoitos de licuri	42
Figura 15 - Em volta de uma mesa e com a divisão de algumas tarefas num tempo cronometrado mentalmente	43
Figura 16 - Não se escuta outro som, ruídos, suas próprias falas e o ecoar das suas ferramentas de trabalho	44
Figura 17 - O barulho das panelas, facas e equipamentos sobre a mesa, agitam a rotina as expressões se modificam	45
Figura 18 - Selecionar o licuri e prepará-lo para a transformação em produtos como a empada	46

Figura 19- A cumplicidade de um grupo que possuem vínculos, além da geração de renda, do financeiro	46
Figura 20 - Hino do grupo (ainda com letra enquanto Copal) cantado no dia do balanço, com um artista da comunidade	47
Figura 21 - Cartaz de divulgação do evento	49
Figura 22 - Apresentação do Balanço Anual do Grupo	49
Figura 23 - Reconhecimento social e identitário, representado na premiação	50
Figura 24 - O valor e significado simbólico do reconhecimento igualmente são partilhados no boletim informativo	51
Figura 25 - O partilhar e o desenrolar das experiências provém das vivências formativas	52
Figura 26 - A técnica e/ou tecnologia acompanhou todo esse percurso de mistura com a modernidade e tradição	53
Figura 27 - Afetações nas interações simbólicas que advêm virtualmente	54
Figura 28 - Sobre os comportamentos das mulheres e novas formas de sociabilidade emergiram com a Internet	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A NATUREZA DA COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SIMBÓLICA, ESTRUTURA ANTROPOLÓGICA CULTURAL	20
2.1 A experiência da comunicação	24
2.2 A comunicação como elemento antropológico e a vida em grupo	26
3. AS EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO: “SABORES DA TERRA”	29
3.1 Os “Sabores da Terra” representada em Marca/Imagem	33
3.2 O cotidiano em laços simbólicos	40
3.3 As interações simbólicas e ações comunicativas – sociais	46
3.4 As tecnologias e suas afetações: recados, acertos e vendas	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno comunicacional na região Sisaleira dentro do semiárido baiano é construído pela a capacidade de intervenção social na vida dos sujeitos e por meio de uma partilha de experiências, percebidas no direcionamento das narrativas, nas articulações e interações simbólicas presentes em cada ação, há nestas ações um conjunto de fatores simbólicos e de aglomerados significados interpretativos, na maneira de como se pensa e no modo de se expressar, com estímulos e respostas se transformando em instrumentos comunicacionais particulares da região. “Nessas operações, um estímulo orgânico torna-se portador de significados, e as respostas motoras se transformam em instrumentos de expressão e comunicação [...]” (DEWEY, 2010, p. 92). Naturalmente esta interação simbólica entre as pessoas motiva ou não a busca pela transformação social, do indivíduo e/ou grupo inserido em determinadas situações.

Partindo destas disparidades de relações sociais, políticas, econômicas e culturais há o surgimento de diversos movimentos nos mais variados seguimentos contestando a configuração de uma realidade desigual e excludente. Mobilizações populares articuladas e organizadas em busca de possibilidades de respostas, somados a um conjunto de fatores para uma transformação social através de mudanças concretas.

Os movimentos sociais populares, identificados como forças organizadas, conscientes e dispostas a lutar, são artífices de primeira ordem no processo de transformação social, embora um conjunto de fatores (liberdade, consciência, união) e de atores (pessoas, igrejas, representações políticas, organizações) se somam para que as mudanças se concretizem. (PERUZZO, 2009, p. 35).

Essas forças organizadoras da Sociedade Civil se tornaram combativas no sentido político e há articulações mais preocupadas em respostas dos problemas que violam direitos de cidadania, diante de situações emergentes como a miséria e a fome, a violência, o preconceito, falta de geração de emprego e renda e a discriminação social e cultural.

Com isto, ainda dentro destas reivindicações e realizações ainda é necessário destacar a questão de gênero em que de acordo com a tradição, a função social da mulher no meio rural em relação a trabalho sempre foi aceito como desqualificado e secundário, vista como coparticipante do pai, do marido. Esta realidade faz surgir na região do Sisal um forte Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que deixa marcas para o empoderamento das mulheres agricultoras.

Gênero é um recurso utilizado para se referir à construção social desigual baseada na existência de hierarquia entre os sexos e as consequências que daí se originam. Essa diferença não é só conceitual, tem efeitos políticos, sociais e culturais. (BARROS, 2008, p.67)

É válido destacar que, o trabalho produtivo realizado pelas mulheres na agricultura de base familiar sempre foi desvalorizado, partindo da ideia de que suas atividades eram consideradas extensão dos quintais, classificadas como domésticas e apenas contribuição obrigatória e pouco visível.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam a esfera do privado, o mundo doméstico, com o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e lavouras. (LOURO, 2003 p. 17).

Portanto, a partir do enfoque de gênero numa perspectiva feminista, “tornar visível àquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas” (LOURO, 2003, p. 17), é um processo de conquista da autonomia e construção da igualdade em seus múltiplos papéis na sociedade, a respeito de como se dá esta inserção das mulheres agricultoras familiares, ao atrever-se desempenhar, em suas comunidades rurais, atividades trazidas como incomuns para mulheres.

A agricultura familiar é desenvolvida por todos os membros da família, no entanto a ênfase sempre é para a figura masculina, “[...] argumentação é a de que as capacidades masculinas e femininas são diferentes”. (BARROS, 2008, p.69). Desvalorizando o potencial das mulheres, demarcando o papel da mulher como

ajudante da produção e incapaz de domínio das técnicas produtivas. Um fato decorrente do processo histórico de submissão do papel da mulher na sociedade.

Porém em longo prazo, se há mudanças significativas desta dominação e como consequência na construção social da questão de gênero principalmente no meio rural.

Fato é que as mulheres não se encontram mais confinadas nos gineceus; penetram em um mundo edificado pelos homens, num momento histórico em que o fator biológico ainda era considerado essencial, daí a dificuldade de se aceitar a influência sociocultural na formação do gênero. (BARROS, 2008, p.69)

Para ressaltar a condição das mulheres as quais expressam uma grande desigualdade em relação aos homens, a Assembleia Geral das Nações Unidas em novembro de 2011 declarou por unanimidade o ano de 2014 como “Ano Internacional da Agricultura Familiar” [Resolução 66/222 da ONU], (ONU, 2014). Dentre outras temáticas o empoderamento das mulheres na agricultura familiar da América Latina e do Caribe foi discutido como essencial para que a região possa promover o desenvolvimento territorial e atingir sua meta de erradicação da fome e da pobreza rural. Segundo a Lei Federal no 11.326/06, (BRASIL, 2006). Considera-se agricultor familiar àquele que pratica atividades no meio rural de acordo com determinado limite de área, utilização de mão-de-obra da própria família, renda familiar originada de atividades econômicas do estabelecimento, direção do estabelecimento com sua família.

Partindo do princípio de promoção de desenvolvimento para inclusão viabilizando geração de renda, erradicação da miséria aprimorando a dimensão de gênero que integra a luta das mulheres trabalhadoras intensificada, no semiárido baiano através de movimentos sindicais e sociais, entidades não governamentais e políticas públicas para mulheres rurais de governo, possibilitando assim avanços à atuação das mulheres em diversos espaços e seguimentos sociais e culturais, desde a liderança de grupos comunitários a presidência e coordenação de cargos e funções de direção, administração e gestão de recursos como executoras de projetos governamentais de desenvolvimento rural.

Neste sentido, a FUNDAÇÃO APAEB¹ ao longo de sua história, a qual tem como herança um movimento de um conjunto de ações realizadas pela APAEB² e mulheres vinculadas ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Para o fortalecimento de novas metodologias adotadas com parcerias a exemplo do CIAT³ – Centro Internacional de Agricultura Tropical, para a implementação de Comitês de Pesquisa Agropecuária Local – COPAL⁴, desenvolvendo assim grupos de empreendimentos de Economia Solidária, trabalhando gênero na busca da autonomia das mulheres rurais.

Uma economia observada como outro ponto que concilia plenamente com a produção rural, a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego com a publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003, fruto da proposição da sociedade civil e da decisão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. (BRASIL, 2003). Uma secretaria que tem consonância com a missão do Ministério do Trabalho e Emprego, objetivando viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o território nacional, tendo em vista à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário.

Contudo a comunidade rural de Papagaio foi uma das escolhidas para aplicação do COPAL, surge um núcleo inicial no ano de 2009, a partir de uma visita a comunidade do Colombiano Natcho, juntamente com a equipe da Fundação APAEB com objetivo de desenvolver na comunidade a metodologia.

Papagaio fica a 09 km distantes da Sede do município de Valente, interior da Bahia, 238 km de Salvador, com área territorial de 384,342Km² e sua população estimada em 27.162 habitantes segundo o IBGE (2013). Para alguns moradores, a comunidade tem esse nome pelo fato de existir muitos periquitos e papagaios nas principais fazendas no início das primeiras moradias, com um histórico de participação nestas organizações e articulações locais e comunitárias, sobressaindo

¹ Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira.

² Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira.

³ Uma organização de Cooperação Internacional que contribuíram no desenvolvimento de ações auxiliando e apoiando iniciativas que favoreceram o seguimento de grupos de geração de renda como o “Grupo Sabores da Terra”.

⁴ Uma metodologia realizada de forma participativa, propondo que o agricultor estude e identifique através de pesquisas as necessidades e problemas locais, buscando alternativas de soluções.

através de processos de formação, capacitação, por meio principalmente das entidades sindicais e sociais locais.

A partir desta visita se inicia o estudo desta metodologia do COPAL com 25 mulheres. Desde então a Fundação APAEB assessora e ampara o grupo com o apoio no acesso de políticas públicas, por meio de projetos e programas de governo, num processo formativo e continuado.

“Começamos com 25 mulheres para estudo de uma cartilha onde iríamos entender a metodologia, no início foram muitas as dificuldades, houve desistência de varias mulheres, começamos produzir trazendo nossos materiais de casa e vender com muitas dificuldades, pensei em desistir também, mas quando olhava para a comunidade e não via nada, não tinha geração de renda, perseverava e hoje me sinto muito orgulhosa, somos referência e ajudamos outros grupos de outras comunidades ensinando”. (INFORMANTE 02, 05/2016).

Faz-se necessário um nome que represente estas agricultoras produtoras. No ano de 2009, com uma reunião a qual envolveu toda comunidade de Papagaio foi escolhido o nome “Sabores da Terra”. Nesta reunião não só as mulheres interessadas em formar um grupo, mas os agricultores também fizeram parte já que a comunidade estava sendo estudada para a aplicação do COPAL. Os homens, na oportunidade deste estudo, puderam colaborar para esta escolha do nome.

Um local para a produção também era necessário, logo começaram as articulações e interações na comunidade para conseguirem o que precisavam. As próprias mulheres limparam um terreno e formaram um campo para a realização de torneio de futebol envolvendo jovens, mulheres e toda comunidade para arrecadação de recursos financeiros e minimamente estruturar uma sede de produção.

“Tudo que a gente conquistou, conquistou por garra mesmo, no início a gente fazia torneio de futebol. Tem um campo na comunidade que fomos nós que limpamos para seguir em frente, por que a gente precisava de dinheiro e ninguém tinha para comprar material”. (INFORMANTE 01,10/2015)

Na comunidade existia um local que funcionava uma escola, porém encontrava - se fechado. Mobilizaram-se e conseguiram uma parte da estrutura como doação, conseguindo assim um espaço só para elas.

Trata-se de um grupo informal, atualmente com 09 mulheres na produção de alimentos oriundos da agricultura familiar. Estas mulheres consolidaram parcerias importantes como a Fundação APAEB, bem como o envolvimento e reconhecimento da comunidade local, inseridas na Associação Comunitária de Papagaio e grupos da Igreja Católica e o apoio do SINTRAF- VALENTE⁵. Recebem capacitações e formações, por meio de encontros com a vigilância sanitária e o setor municipal da alimentação escolar, com a intervenção direta da UAC⁶, na qual o grupo recebe suporte para a comercialização. A comercialização atual é feita para o fornecimento de produtos ao setor da merenda escolar, por meio do PNAE⁷ e o PAA⁸.

Esta inserção nos espaços organizativos e produtivos colaborou para o desenvolvimento pessoal, social, cultural e político dessas mulheres. Elas protagonizam um processo de constituição individual e coletiva de empoderamento havendo pertença e proximidade.

A denominação “Sabores da Terra” é para além de um simples nome para estas mulheres agricultoras numa comunidade rural. Com casas afastadas a sede de produção centraliza experiências, vivências, superação. Mediante as suas limitações, estas mulheres executam experiências de comunicação pela própria persistência e força, características marcantes da população rural semiárida.

Assim sendo, concentra-se o desafio, a investigação das experiências comunicacionais, as relações de interações simbólicas e identitárias vivenciadas no contexto do “Grupo Sabores da Terra”.

Nesta pesquisa, o objetivo geral é investigar as formas de experiências comunicacionais e suas interações simbólicas, especificamente os sujeitos do “Grupo Sabores da Terra” uma unidade de produção de mulheres da comunidade de Papagaio.

⁵ Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Valente - Bahia

⁶ União das Associações Comunitárias do Município de Valente – Bahia.

⁷ Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, mínimo 30% do valor repassado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) devem ser utilizados obrigatoriamente na compra de gêneros alimentícios provenientes da agricultura familiar.

⁸ Programa de Aquisição de Alimentos

Para tal especificamente três objetivos foram levantados: interpretar as experiências comunicacionais dos sujeitos sociais da unidade de produção “Sabores da Terra”; analisar as interações simbólicas do “Grupo Sabores da Terra” e descrever as experiências da comunicação qualificando como interações simbólicas.

Tendo em vista a comunicação de maneira mais complexa e sempre buscando definir metodologicamente a comunicação, se deve considerar como um campo epistemologicamente complexo não se limitando apenas a uma pesquisa empírica, e que não se ocupa meramente a estudos da mídia e seus respectivos processos midiáticos. Assim, esta pesquisa traz contribuições aos estudos de comunicação social, possibilitando desdobramentos epistemológicos nas formas de produção das interações simbólicas através de um conjunto de experiências comunicacionais, sociais e culturais.

Nesta pesquisa o interacionismo simbólico (BLUMER 1980), traz a possibilidade de apreender as formas da experiência comunicacional e suas relações nas interações simbólicas, por meio das mulheres pertencentes a esta realidade de grupo e comunidade, neste caso a unidade de produção de alimentos que deriva da agricultura familiar das mulheres de Papagaio. Deste modo se busca compreender especificamente suas experiências e vivências através de um conjunto de processos comunicacionais, sociais e culturais: “O interacionismo é, portanto, uma abordagem mais dinâmica do que estática no estudo da vida social”. (ANGROSINO, 2009, p. 20).

Numa concepção simbólica de que “a cultura é, então, realizada pela simbolização” (GODOY, SANTOS, 2014, p. 23) se faz necessário busca a compreensão da natureza da comunicação e interação simbólica, numa estrutura antropológica cultural pressupõe a necessidade de implicação de um olhar interacionista. “A chave para a etnografia interacionista é descobrir o sistema de símbolos que dá significados ao que as pessoas pensam e fazem”. (ANGROSINO, 2009, p. 21). Assim sendo, no que se refere à abordagem do problema, esta pesquisa se insere como qualitativa, a qual pode ter a definição como não probabilística, que identifica e analisa em profundidade dados de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico, tendo em vista o interacionismo simbólico em que demarca a compreensão valorizada para o sujeito, a interpretação do universo simbólico e seus significados na vida cotidiana. Neste sentido, a esta orientação teórica é associada à etnografia.

Etnografia significa literalmente a descrição de um povo. [...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. (ANGROSINO, 2009, p. 21).

Desse modo nesta abordagem a observação participante é integrada a etnografia, partindo da obrigação de seus princípios básicos da coleta de dados no que diz respeito às experiências e vivências de um grupo de pessoa e/ou comunidade com a finalidade de descrição de maneira *in loco*. “A verdadeira etnografia depende da capacidade de um pesquisador de observar e interagir com as enquanto elas essencialmente executam suas rotinas do dia a dia”. (ANGROSINO, 2009, p. 43), ocupando das interações cotidianas dos sujeitos em questão, proporcionando ao pesquisador/a examinar, valorizando os dados a serem analisados, favorecendo com importantes possibilidades de técnicas de coleta de material.

O campo de pesquisa envolve o “Grupo Sabores da Terra”, uma unidade produtiva de mulheres agricultoras familiares oriundas da comunidade de Papagaio, se fazendo indispensável para a pesquisa o uso de métodos etnográficos, sendo utilizado o diário de bordo como importante instrumento e registros fotográficos, para a coleta de dados, a qual perpassa por meio das técnicas de pesquisa etnográfica.

De fato o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado. (ECKERT, ROCHA, 2008, p.1)

A partir de uma convivência junto ao grupo, a fotografia como uma aliada a pesquisa permite condições e torna-se um olhar instigante e antropológico para examinar o contexto, os significados das situações simbólicas culturais e sociais das mulheres dentro do processo de comunicação por meio de suas experiências.

[...] se a imagem fotográfica nasce da observação de uma realidade que está contida em estrutura cultural, ela vem carregada de significados, de fragmentos que deverão ser moldados [...]. A imagem comunga com o texto para nos fazer melhor compreender e elaborar uma análise destes significados. (ANDRADE, 2002, p. 52)

Nesse processo, as informantes são as mulheres da unidade produtiva do “Grupo Sabores da Terra” na comunidade rural de Papagaio, conforme os objetivos da pesquisa através do método de análise dos dados que será qualitativo. Pelo diário de bordo e registros fotográficos se coletou o material, em visitas, encontros, semanais em um intervalo de mais de 01 ano (fevereiro de 2015 a abril 2016), sem contar com a convivência com o grupo há mais de 05 anos, e assim feito as análises. Sendo assim examinados os interlocutores no processo comunicacional, situações e contexto em que a comunicação acontece e as marca dos processos de interação simbólica e as fotográficas na representação da realidade do grupo.

Para permitir uma maior compreensão deste trabalho se busca organizar a fundamentação teórica sob o olhar do interacionismo simbólico (BLUMER 1980), apreende-se que os sujeitos são inseridos em contextos, nos quais ocorre à comunicação, interação simbólica entre as pessoas, em que os significados e interpretações são resultantes nas experiências destas interações simbólicas. Essa teoria apresenta-se no segundo capítulo compreendendo-se como *a natureza da comunicação e interação simbólica*, visto que a comunicação pode aparecer como elemento antropológico e partilha de um comum retratando - se a vida em grupo. Possibilita uma tentativa de compreensão e possível explicação do contemporâneo, no que diz respeito às ações humanas, as experiências na dimensão comunicacional. Através da sociabilidade (MAIA 2002) percebe-se a socialização entre os indivíduos, sob as formas e conteúdos compondo os processos identitários, quando há um grupo, encontrados em conteúdos e formas em comum. Ainda nesse capítulo John Dewey (2010), com sua teoria aponta para as experiências cotidianas.

O terceiro capítulo caracteriza as Experiências de Comunicação: “Sabores da Terra” analisando o desenrolar das vivências e interações simbólicas, representada em sua marca/imagem, mediante o cotidiano em laços simbólicos internos de encontro com as interações no meio social local, em meio a mediações rotineiras com as novidades inseridas por meio das tecnologias, perpassando por valores culturais e sociais por fatores simbólicos do “Grupo Sabores da Terra”. Reafirmando

a hipótese de que as experiências comunicacionais fazem parte de um conjunto de interações simbólicas, percebidas nos laços de identidades e vínculos em comuns.

2. A NATUREZA DA COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SIMBÓLICA, ESTRUTURA ANTROPOLÓGICA CULTURAL

A comunicação é um processo básico, primário, da humanidade, essa abordagem torna-se complexa e interdisciplinar e recebe contribuições teóricas de várias disciplinas. Assim é fundamental na sociedade esse saber comunicacional. Ele passa a ser uma temática de reflexões em diversos aspectos e contextos sociais, culturais e econômicos, nos quais o sujeito está inserido dentro de comunidades compostas por formações simbólicas, com diferentes significados, isto é um conjunto de interação social na vida diária.

A reflexão teórica sobre a comunicação visa, responder a pergunta pela estrutura, função e sentido da comunicação na sociedade. Como é possível a comunicação? Os homens se compreendem e interagem; sem comunicação não há vida humana em comum, como demonstra a prática cotidiana. O problema é saber como o fenômeno se estrutura como ele funciona, qual é o sentido da ação comunicativa na sociedade. (RÜDIGER, 2011, p. 33).

É através da comunicação que se comunica, se partilha e se troca os vários sentidos e significações que compõem a existência, reconhece-se, se é reconhecido e se diferencia no mundo. A comunicação demanda, portanto, o realizar-se enquanto um processo social, as relações, as mediações, a ação comunicativa entre os sujeitos. É um apresentar-se em atitude para com o outro, mediante relação de intensa troca, assim sendo, o comunicar não ocorre de maneira mecânica, numa transmissão com papéis determinados. “O processo da comunicação não reproduz o mundo da vida de forma mecânica; esta reprodução é sempre reinterpretada contextualmente pelas pessoas, estando sujeita a receber um sim/não por parte dos participantes” (RÜDIGER, 2011).

Percebe-se a comunicação como um processo essencial ao ser humano, como um ator social, produzindo assim, sentido simbólico em suas ações, tanto para si mesmo quanto para os outros, num ponto de vista de estudos de experiência para o entendimento das interações comunicacionais mediadas no cotidiano. Nessa perspectiva, compreende-se a tentativa de um entendimento da comunicação para

além do midiático, considerando que a interação humana ocorre mediante comunicações simbólicas em que os significados das ações podem ser cultivados por sujeitos sociais em um contexto. De acordo com Rüdiger (2011, p. 38), “a comunicação representa um processo estruturado simbolicamente, constitui o emprego de símbolos comuns com vistas à interação, que funda a própria sociedade”.

Dentro de uma linha teoria da comunicação o autor traz uma reflexão sobre o processo de comunicação pautado na interação simbólica. Essa interação possibilita uma mudança de comportamento na sociedade, precisamente porque enfoca fundamentalmente a socialização humana. Abordando assim, a contribuição de George Herbert Mead, “a vida social é um produto da comunicação” (RÜDIGER p. 41), uma vez que as pessoas interpretam o comportamento das outras pessoas e esta interpretação, se trata de um mecanismo recíproco, logo cada pessoa pode e tem uma maneira de interpretar o mesmo objeto e costumes distintos.

O Interacionismo Simbólico é uma perspectiva, acerca dos processos comunicacionais, tem sua origem em Chicago nos Estados Unidos da América, a partir do pensamento de George Herbert Mead no período de 1893 a 1931, sendo esta uma corrente de reflexão teórica acerca dos processos comunicativos estabelecidos entre os indivíduos, considerando-os como elemento fundamental à transmissão, compartilhamento e criação coletiva de significados. Mead é considerado por muitos estudiosos o grande instigador do pensamento interacionista, devido sua maior preocupação, no que diz respeito à relação dos seres humanos com a situação e o contexto social.

De acordo com (BLUMER 1980), discípulo de Mead, o Interacionismo Simbólico tem seus fundamentos em três premissas: a) os seres humanos agem no mundo fundamentalmente de acordo aos significados dos objetos; b) os significados são provenientes ou nasce da interação social; c) os significados são manipulados e transformados por meio de um processo interpretativo usado pelos seres humanos, tratando-se de um produto da vida social.

Deste modo, com base nessas premissas, o ser humano não age somente numa função dos acontecimentos em si, mas dos significados socialmente, dos quais são construídos e articulados, constituindo assim manifestações culturais que se confundem em sua estrutura com a própria sociedade, sendo esta, gerada simbolicamente pela comunicação (RÜDIGER, 2011, p. 39).

Para o Interacionismo Simbólico os significados são produtos sociais. Blumer (1980, p. 128) confirma o conceito apresentado, assegurando que “o significado dos objetos para cada um é, basicamente, gerado a partir da maneira pela qual lhe é definido por outras pessoas com quem interage”. Ou seja, do ponto de vista do Interacionismo Simbólico, a coexistência humana em sociedade é a responsável pela criação e significação dos sujeitos, dos objetos e, portanto, do mundo em seu contexto em tudo que existe, no conjunto dos objetos simbólicos, num sentido social e abstrato da existência conforme o autor define.

A coexistência grupal humana representa um complexo processo de definição recíproca sobre como proceder e de interpretação das mesmas; através desse sistema os seres humanos vêm a adaptar suas atividades uns aos outros e formar sua própria conduta pessoal. Tanto a atividade conjunta como o comportamento individual compõem - se *em* e *através de* esse processo contínuo; não equivalem a meras expressões ou produtos dos elementos levados à interação ou das condições anteriores ao processo. (BLUMER, 1980 p.127)

Quanto aos significados, a teoria de Mead apresenta a defesa de que o significado é cultivado por meio do processo de interação humana, ou seja, são produtos sociais. “Para um indivíduo, o significado de um elemento nasce da maneira como outras agem em relação a si no tocante aos elementos. Todas as suas ações preocupam-se em defini-lo para o indivíduo”. (BLUMER, 1980, p. 121).

Nenhuma pessoa vive a realidade social sozinha, ela é a partilha com o outro, com base na interação social, uma vez que quando interagindo, torna-se objetos, utilizando os símbolos e direcionando o *self*.

A pessoa [self] é a fase mais importante do desenvolvimento [social] porque a sociedade só surge graças à possibilidade de internalização desta atitude social [a de pessoa] nas reações de toda a comunidade. A mudança que tem lugar devido a esta internalização da conversação dos gestos na conduta do indivíduo é uma experiência de todos os indivíduos componentes da sociedade (MEAD apud RÜDIGER, 2011, p. 42).

Desta forma, o entendimento da comunicação como interação, permite observar sua dimensão prática mediante as situações cotidianas e concretas, no espaço e lugar das experiências de cada indivíduo. Neste sentido a interação social

é construída a partir da ação social, nas decisões, direções, perspectivas definindo assim, as realidades, podendo ser objetiva e subjetiva, as quais são refletidas nas expressões e interações comunicativas, considerando aí, o papel da linguagem como fundamental para a socialização dos indivíduos.

O processo de interação social, estruturada pela linguagem, permite que as pessoas coordenem simbolicamente sua ação, manipulem com os símbolos em vez de coisas, reconstituam o passado ou prefigurem os futuros atos dentro de uma mesma estrutura de sentido. (RÜDIGER, 2011, p. 43).

Dentro de um processo ainda interacionista, Rüdiger traz a comunicação sob os estudos de Hugh Duncan, quando aborda o ser humano como um ser capaz de manipular os símbolos na finalidade de transformar e/ou conservar uma determinada realidade ou contexto social. Possibilitando o entendimento de que pode haver certas hierarquias e poder em termos de estrutura simbólica, o que difere da comunicação para com os meios de comunicação, em que os meios podem transcorrer como mecanismos para manipular os símbolos.

A comunicação cria e sustenta determinadas hierarquias simbólicas, em que se mantém um sistema de poder. As hierarquias compreendem necessariamente, porem, relações de igualdade. Inclusive nos mais rígidos sistemas de poder tem de haver momentos de reciprocidade, em que é necessário falar de maneira livre e aberta, sem censura: chega-se a um consenso, sobretudo pela força imanente da comunicação. A comunicação é, portanto, um processo que pode servir para promover ou reprimir o conhecimento e autodeterminante. A perspectiva pela qual se opta depende das estratégias dos participantes. (RÜDIGER, 2011, p. 46).

A comunicação é um processo em que as experiências de interação simbólica, de estratégias que podem promover as modificações ou de conservar uma determinada realidade social.

2.1 A experiência da comunicação

A comunicação em seu aspecto experiencial fundamenta-se em laços de interação entre sujeitos e/ou objetos, de tal maneira que os envolvidos numa espécie de “comunhão” por meio que os sentidos, vão sendo estabelecidos dentro de um processo, para além da simples emissão e recepção de mensagens. É nessa concepção, que a comunicação é indissociável da experiência, da prática e da interação no cotidiano.

Numa busca do entendimento da comunicação como interação se permite observar uma ação prática, nascida em situações concretas cotidianas, no âmbito da experiência dos sujeitos, deste modo é que se simbolizam as experiências vividas numa totalidade de comunicação simbólica, atribuindo as condições de ‘mundo’ de cada um/a, dentro de uma comunidade e/ou grupo, a comunicação diária, narrativas, descrições de lembranças e memórias, conceituando em “coisas” presentes ou não, com o contemporâneo das tecnologias. O mundo em volta é “manifestado” em pensamentos, sentimentos, os quais necessitam o compartilhamento.

Assim formam - se experiências, John Dewey aplica concepções para o entendimento de situações do cotidiano, no experiencial das práticas sociais, a partir da existência de condições e circunstâncias concretas. “A natureza da experiência é determinada pelas condições essenciais da vida” (DEWEY, 2010, p. 74).

A capacidade de simbolizar é algo conatural à espécie humana, o ser humano é capaz de criar e utilizar símbolos. É possível trazer a arte como exemplo de que sempre há uma busca de “representar, compartilhar” algo. A arte em sua essência é simbólica, seja na pintura, na música, como na dança, o artista busca através de alguma forma criar mecanismos, neste caso símbolos para a forma plástica (estética), a sonoridade, o movimento (passos de dança) torne-se algo visto experimentado, sendo percebido e sentido.

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar - se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. Em vez de significar a rendição aos caprichos e à desordem, proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à

estagnação, mas é rítmica e evolutiva. Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética. (DEWEY 2010, p. 84)

A proposta de Dewey (2010), da “criatura viva” expõe sua tese de modo central, devido sua afirmação que a criatura recebe influencia do meio ambiente, bem como os acontecimentos e ações do cotidiano. Dewey considera a arte igualmente a uma forma de *experiência*, já que estas são adaptação um mecanismo de expressões, resultados de habilidades, sensibilidades da interação criatura e meio, que alcança uma dimensão estética.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a interação consciente. (DEWEY 2010, p. 109)

No desenrolar das experiências, mediante as práticas comunicacionais, onde os sujeitos desenvolvem entre si e/ou com os outros, em que Mead (2011) qualifica como interações dentro de um processo social, Dewey aponta e aproxima da reflexão proposta para a comunicação no desenrolar das experiências, a partir da ação dos sujeitos, acerca da experiência, prática e interação, uma visão para o cotidiano dos indivíduos a constituir relações na experiência mediante sua realidade.

Uma experiência tem padrão e estrutura porque não apenas é uma alternância do fazer e do ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas duas coisas relacionadas. Pôr a mão no fogo não é, necessariamente, ter uma experiência. A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado; apreendê-lo é o objetivo de toda compreensão. (DEWEY 2010, p. 122)

E o desenrolar destas experiências só é possível à percepção, quando as ações são atribuídas às consequências do cotidiano, da realização em

grupo/comunidade num reparte de significados e um mecanismo antropológico consegue apreender os significados de vida em comum compartilhada.

2.2 A Comunicação como elemento antropológico e a vida em grupo

A cultura humana naturalmente tem suas características: língua, conceitos, valores, ideias, crenças, que diferem na maneira de vida coletiva, logo a necessidade da utilização dos símbolos, em que os indivíduos associam a um determinado significado por meio de uma interação social. A comunicação humana é naturalmente simbólica, possibilitando a interpretação dos conteúdos comunicados, no entanto os significados variam extremamente de uma cultura para outra, o que torna indispensável à compreensão do contexto cultural, social, local, em que os símbolos são criados e utilizados, ocorrendo à comunicação de maneira eficaz para assim alcançar os objetivos individuais ou comunitários.

Deste modo, a comunicação é um elemento simbólico, cultural, bem mais do que meramente uma linguagem ou algo estruturado ou definitivo, os símbolos implicam “conformidade” e são portadores de valores e trocas, partindo de que as pessoas não agem em função das coisas, porem do significado que as coisas tomam no processo da interação.

Nas relações humanas, as trocas e mediações se compreendem como um conjunto de regras, as quais compõe a sociedade por meio dos mais variados grupos sociais e culturais trazidos numa dimensão do laço coletivo, do comum. Estes agrupamentos e/ou coletividades têm seus padrões de sociabilidade característicos que, por sua vez, organiza o processo de socialização pelo “comum” tornando assim a “comunidade”, visto a comunicação vinculativa e coesa.

Mesmo com a possibilidade de se institucionalizar, essas coletividades podem sofrer mudanças, de agrupamento social, pelo fato que precisam de maneira constante ser reconstruídas pelos sujeitos que os compõem. O interacionismo simbólico se ajusta a investigação do sujeito inserido em grupos/comunidades no estudo das formas de *sociabilidade* que emergem na contemporaneidade. Nele

consiste o processo comunicativo, de identidade e de interação social dentro dos grupos, o sentimento de partilha, e pertença, as relações de comunicação interpessoal, bem como, a troca de mensagens e/ou informações, os diálogos, as ideias, as conversas, enfim, a transmissão da mensagem. A comunicação interpessoal é essencialmente um processo interativo simbólico, sendo de pessoa a pessoa, em que o emissor constrói significados e desenvolve expectativas ao receptor, naturalmente acontece nos pequenos grupos com os pertencentes.

O conceito *sociabilidade*, de Simmel traz implicações teóricas no âmbito comunicacional, no que diz respeito a outras correntes. “Oferece um ponto de partida para se examinar criticamente a dinâmica das interações sociais” (MAIA 2002, p. 32). Em que possibilita analisar o cotidiano em seu modo social e cultural, numa perspectiva interacionista por sua semelhança de interacionismo social e simbólico.

A sociabilidade, entendida a partir de tais considerações, não pode ser vista apenas como uma “categoria” de interação – relações informais, lúdicas, em oposição às relações formais, sérias, racionais. Acredito que a distinção entre as diversas “formas” de interação seja importante para se aprender a variedade e as especificidades das relações, bem como a complexidade de suas diversas nuances e modulações. [...] A sociabilidade – o que nos une ao que parece semelhante comum, familiar, próximo e nos confere sentimento de pertencimento e senso de identidade – apresenta-se como o centro mesmo do processo reflexivo da dinâmica social. (MAIA 2002, p. 38,39)

Portanto esta “forma” proposta por Simmel compreende-se como um possível instrumental capaz de apreender as relações. Destacando que as formas e sujeitos, bem como estes agem uns entre os outros.

Em suas interações, os indivíduos se defrontam, não como indivíduos singulares, mas sim como indivíduos já socializados e que devem se definir mutuamente na relação. Assim, as formas podem ser compreendidas como a modelagem mútua de um mundo comum em meio a uma ação conjugada. Elas oferecem aos parceiros da interação uma estrutura de expectativas recíprocas e a possibilidade de construir de maneira coordenada o desenrolar da ação. (MAIA 2002, p.31)

Deste modo, este conceito percebe a capacidade do sujeito de usar símbolos significativos para responder ao contexto que se encontra num ponto de vista sociológico de micro e macro: Uma análise sociológica compreendendo que as pessoas perpassam por interações sociais em que as diferenciações fundamentais são a *forma* e o *conteúdo*. *Ressaltando que* o conteúdo por si só, não faz nenhum sentido para a interação. “Seria um equívoco fazer supor, que a referencia a forma signifique um convite para abandonar o campo dos conteúdos” (MAIA 2002, p. 32), é preciso o conteúdo passar de um modo individual e se transformar em *forma* de estar com o outro.

Através da sociabilidade percebe-se a socialização entre os indivíduos, esta dinâmica de interações simbólicas sob as formas e conteúdos compõe os processos identitários, quando há um grupo, há características, conteúdos e formas em comum.

3. AS EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO: “SABORES DA TERRA”

As interações simbólicas no “Grupo Sabores da Terra” decorrem no desenrolar das experiências, vivências, as quais as mulheres desenvolvem cotidianamente entre si e/ou com a sociedade em geral, num aspecto cultural, social e comunicacional. “A experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação”. (DEWEY, 2010, p. 89)

O contexto no qual o grupo está inserido é fruto das interações simbólicas, podendo assim gerar significados diferentes de acordo com valores entre elas: sujeito/fatores simbólicos. Pode parecer simples, mas a sede representa uma transformação, não somente pela pintura que destaca o local, a interação simbólica participativa e comunicacional promove na fachada uma experiência resultando em significados entre o grupo e o meio.



Figura 01: A cor forte na parede para além da reforma necessária sobressai na vegetação rural tipicamente do semiárido baiano. (DANTAS, 2016).

Na parte externa, demonstrada na figura 01, o visual, a estética da nova fachada demarca o seu lugar-espço num contexto rural, em que congrega um conjunto de fatores simbólicos associados à comunicação. A cor forte na parede para além da reforma necessária sobressai na vegetação do semiárido baiano.

Em uma experiência nitidamente estética, algumas características atenuadas em outras experiências se revelam dominantes; as subordinadas tornam-se controladoras - a saber, as características em virtude das quais a experiência em virtude é uma experiência integrada e completa por si só. (DEWEY, 2010, p. 139).

Encontra - se no grupo características de uma procura por informações, novidades que somadas à criatividade, brotam experiências de comunicação predominantes nas componentes. Integram-se em “produtos simbólicos”, para a comercialização que por sua vez, é complementada nos objetos, nas estruturas físicas, com modificações e/ou transformações, de modo que ao mesmo tempo em que o ambiente leva a uma prática rotinizadas pelas atividades produtivas, surge o vivenciar da experiência do novo.

Assim sendo, o universo simbólico depende de constante atualização por parte dos indivíduos e de práticas interativas concretas. Ao mesmo tempo em que as relações cotidianas são rotinizadas, elas são também marcadas pela pluralidade e diversidade, podendo sempre ser vivificadas pela criatividade do novo. (MAIA, 2002, p. 34)



Figura 02: Algumas modificações internas no que se refere a organização de objetos e externa principalmente. (ARAUJO, 2015)

Neste período de pesquisa foi possível notar nitidamente e concretamente a busca pelo novo, a sede do grupo passou por algumas modificações internas no que se refere à organização de objetos e externa principalmente, agregando valores e sentimentos, a procura de novidades e da *criatividade*.

A experiência pode ser notada como uma arte, que por sua vez é simbólica, os biscoitos de licuri e os sequilhos finalizados chegando a sua forma de arte é fruto da interação dinâmica dentro da capacidade que o sujeito tem de criar e utilizar símbolos de “representar e compartilhar” nesta forma plástica (estética), o sequilho, o biscoito de licuri trazem os sentidos e significados vistos e experimentados. “A mercadoria não é apenas mercadoria, é arte, é expressão de vida”. (VIANA, 2015, p. 10).



Figura 03: Os biscoitos de licuri e os sequilhos finalizados chegando a sua forma de arte. (DANTAS, 2016)



Figura 04: “Representar e compartilhar” nesta forma plástica (estética). (DANTAS, 2016).

As figuras 03 e 04 demonstram um processo entrelaçado a um artesanato de representação e compartilhamento simbólico, não somente no que diz respeito aos sequilhos e os biscoitos de licuri. Em toda produção e comercialização dos produtos existentes no grupo, é possível considerar uma transmissão, um compartilhamento e uma criação coletiva de sentimentos, de significados e identidade, numa reprodução e transmissão do mundo simbólico, pelas ações simbolicamente mediadas por aspectos culturais e sociais. De maneira interativa a imagem (estética) associada à receita de cada item e produtos oriundos da comunidade provinda da Agricultura Familiar se desenha em arte e o processo se torna um artesanato cotidiano de execução de cada receita. “Tais interações simples asseguram o sentimento de pertencimento dos indivíduos nas redes de experiências da vida cotidiana, [...] que desafia o entendimento e extrapola qualquer ordem “comum” coletiva”. (MAIA, 2002, p. 34). Quase que despercebido e a princípio sem intenção, nota-se no mural da sede da unidade produtiva, um pequeno recorte de papel com uma descrição que retrata mesmo que inconscientemente a arte ao desenrolar das experiências, são os laços histórico-sociais destas empreendedoras integradas à arte.

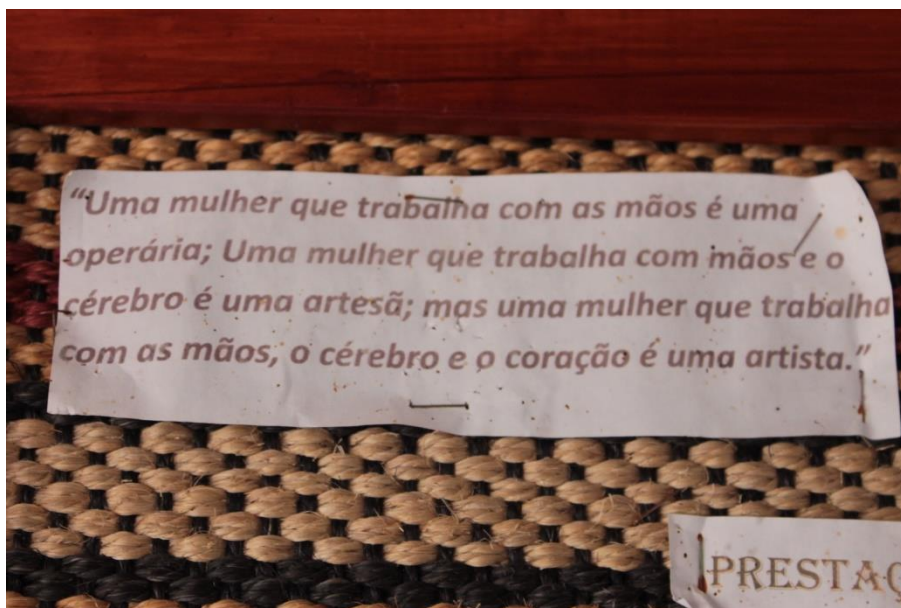


Figura 05: Um pequeno recorte de papel com uma descrição que retrata mesmo que inconscientemente a arte ao desenrolar as experiências. (DANTAS, 2016).

É o entrelaçar do compartilhamento de um mundo comum. Há aí uma produção das interações simbólicas, dos processos culturais e indetitário. Este sentimento de pertença e Identidade é representado no nome do grupo e na marca, enquanto imagem/identidade da unidade produtiva, chegando a quase uma obediência e fidelidade ao que lhes representa o “Grupo Sabores da Terra”.

3.1 Os “Sabores da Terra” representada em Marca/Imagem

O “Grupo Sabores da Terra” se configura num conjunto de sentidos, de interpretações e/ou representações múltiplas e de investimentos simbólicos, compreendendo a interação como uma peça – chave, isto é, percebido na marca do grupo uma realidade, um contexto tornando-se imagem e uma marca se transformando em realidade, um fenômeno comunicativo. O processo de desenvolvimento e histórico do grupo é refletido na marca. Através de acompanhamentos de parceiros a marca do grupo passou por alterações durante o seu percurso histórico. Na primeira fase se caracterizava pelo licuri.



Figura 06: um contexto tornando-se imagem e uma marca se transformando em realidade, um fenômeno comunicativo. (DANTAS, 2016).

O grupo é inserido numa comunidade rural com predominância do *licuri*, palmeira da vegetação do bioma Caatinga. Para além das folhas que são utilizadas na confecção de artesanatos e artigos tipicamente rural como sacolas, chapéus, vassouras e espanadores, as mulheres utilizam o fruto desta palmeira para o desenvolvimento de produtos para consumo, refletida na produção de licores, licuri caramelizado, empada de licuri, biscoitos dentre outros.

Logo, a marca do grupo passou por um processo de reconhecimento identitário. Mesmo com a familiaridade com licuri, a imagem representativa do grupo advém de experiências formativas, da incorporação e diversificação na produção e das relações de gênero equitativas. Há uma característica antropológica no grupo de que seu surgimento foi devido a uma visita do Colombiano Natcho juntamente com a Fundação APAEB, objetivando a aplicação de uma metodologia (COPAL- Comitê de Pesquisa Agropecuária Local), sendo esta uma pesquisa de identificação de potencialidades locais, neste caso para o aproveitamento e beneficiamento de frutas da própria comunidade e neste sentido o licuri limitava a representação. Tanto que diversas vezes em suas falas internas e até nas comunicações externas se denominam como COPAL, daí compreende-se a importância da historicidade tão presente no vínculo comum entre os sujeitos numa experiência comum da mesma

realidade vivida e experienciada uma comunicação representada e estruturada simbolicamente. Visto que no rótulo para os licores as frutas aparecem. Neste sentido visual e simbólico interpretativo as frutas faz jus a sua origem de criação.



Figura 07: Comunicação representada e estruturada simbolicamente. (DANTAS, 2016)

Quando se decide por uma imagem de uma mulher com os braços abertos e um cesto de frutos na cabeça, há um conjunto de fatores simbólicos, isto é, desde a busca de melhoria de qualidade de vida, geração de renda, o protagonismo e empoderamento da mulher agricultora. Os frutos, que remete também aos os cachos de licuri, que são considerados frutos, o que intersubjetivamente permanece a essência dessa relação do surgimento e com as características da região simbolizada no licuri, como é relatada por elas ao trazer a história do nome e da marca.

“A gente achava no início que o licuri representava tudo, aí colocamos na logomarca um desenho de um licuri, só que daí, diante de estudos a gente percebeu na verdade que o licuri não nos representava. De cara fizemos estudos com a Fundação e percebemos que uma mulher era que ia representar a gente, e mudamos de logomarca, a nossa logomarca hoje é uma mulher de braços abertos, com um cesto de frutos na cabeça” (INFORMANTE 01,10/2015).



Figura 08: É possível considerar uma transmissão, um compartilhamento e uma criação coletiva de sentimentos. (DANTAS, 2016).

Nesta transformação simbólica e comunicativa, que foram estabelecidas e percebidas no grupo é possível considerar uma transmissão, um compartilhamento e uma criação coletiva de sentimentos, de significados e identidade representada no logo tipo, embalagens e rótulos.

Estas empreendedoras se compõem e se enxergam na imagem/marca, uma composição refletida de empoderamento, protagonismo e conquistas de valores não os valores econômicos, mas para além do mercado, da comercialização, são símbolos que permitem uma relação de identidade com a marca que as simboliza e promove cotidianamente e de forma concreta o sentimento de pertença do que é simbolizado.



Figura 09: As relações deixam de ser mediadas apenas pelos eventos sociais, passando aos contornos das imagens. (DANTAS, 2015).



Figura 10: Tornam – se algo material e palpável. (DANTAS, 2015)

As relações deixam de ser mediadas apenas pelos eventos sociais, passando aos contornos das imagens, são representadas nas embalagens, rótulos, cartões. Tornam – se algo material e palpável.

Intersubjetivamente diversos significados encontram-se nestas relações, assim como a marca passou por um processo de mudanças, a farda, o uniforme foi acompanhado os contextos e suas atualizações, em suas próprias narrativas são

revelados o significado de cada período, no qual se incorpora a criatividade e inovação feminina. Encontram-se sinais desta trajetória nas etiquetas e embalagens pelo fato de que alguns produtos levarem estas marcas representativas e contextuais (ainda há certa quantidade de embalagens antigas e precisam ser aproveitadas). Nas fardas e/ou uniformes de trabalho bem como os produtos pode-se encontrar estes retratos aplicados e/ou pintados. Destaque para a veste recente exclusivamente definida por elas como uniforme de representação fora da unidade: reuniões, atividades e eventos.



Figura 11: Marcas representativas e contextuais. (ARAUJO, 2016)



Figura 12: Nas fardas e/ou uniformes de trabalho bem como nos produtos pode-se encontrar estes retratos aplicados e/ou pintados. (ARAUJO, 2016).

A logomarca do grupo demarca uma representatividade de narrativas identitárias e construções intersubjetivas de um contexto coletivo cultural.

Os projetos de acompanhamentos aos grupos de empreendimentos solidários ao longo da história assessoram a unidade produtiva das mulheres. Sendo diferente, a nova marca foi pensada pelas componentes da unidade de produção, criado um rascunho e juntamente com o auxílio do Projeto GERMINAR, coordenado pela Fundação APAEB que em suas narrativas denotam o logotipo significando o símbolo “Sabores da Terra” visível, demarcando uma realidade representada graficamente. O contexto virando imagem e a imagem virando marca conceituando um conjunto de fatores e valores simbólicos. Em uma das conversas sobre a marca:

“No ano de 2013 mais ou menos com o Projeto GERMINAR, analisamos que tínhamos mais coisas, além do licuri temos o beneficiamento das frutas e que representação do licuri era uma das características de outras cidades e grupos também. Daí então decidimos por algo que nos representasse. Os braços abertos da mulher simbolizam o “T” da palavra terra. Abrindo os braços para acolher novas coisas”. (INFORMANTE 02,02/2016)

O laço comum e o vínculo estabelecido expressam uma disposição organizada das mulheres empreendedoras de produtos da Agricultura Familiar, elas recorrem ao seu referencial simbólico para dar essência a uma narrativa na qual se identificam e se reconhecem como integrantes e parte do contexto coletivo, efetivado pelos laços sociais, pelo compartilhamento e pela convivência.

3.2 O cotidiano em laços simbólicos

Compreende-se também que este universo simbólico é composto e representado cotidianamente, por meio dos sujeitos com as ações interativas concretas, as quais são percebidas na comunicação verbal ou não verbal, para além da linguagem puramente dita, nos gestos e nas interações simbólicas de cada de um sobre todos. “O gesto consiste em qualquer parte ou aspecto de uma ação contínua que traz consigo o ato global de que faz parte”. (BLUMER, 1980 p.126).



Figura 13: No que dizem respeito a gestos, elas operam dentro de uma organização de integração coletiva solidária e comunitária. (DANTAS, 2016).

A língua é o nosso principal meio de comunicação, mas não é o único que usamos. Nós nos *comunicamos* quando transmitimos

informações sobre nós mesmos aos outros e recebemos informações deles. Nossos gestos, expressões, posturas e movimentos, mesmo que inconscientes, transmitem informações e fazem parte de nossos estilos de comunicação. (KOTTAK, 2013, p.92).

Numa maneira relativamente codificada de atos institucionalizados, essa constante interação tornam-se ritos de trocas numa dimensão simbólica. Um conjunto de atos, expressões em atitude repetitiva estabelecendo harmonia ou não entre as mulheres.

Assim sendo as sequencias rigorosas, contudo de maneira intersubjetiva e naturalizada, no que dizem respeito a gestos elas operam dentro de uma organização de integração coletiva solidária e comunitária.

Todavia, os ritos vinculados dentro do processo de produção é algo naturalizado e seguido fielmente, seja ao redor da mesa no preparar dos doces, sequilhos, seja em torno do fogão com o cuidado do ponto de cada receita. De maneira artesanal, as mulheres dão forma aos biscoitos de licuri, as mãos interlaçam significado e sentidos em cada item produzido, tornando – se uma comunicação simbólica expressada em que os gestos falam e traduzem as falas.

“O grupo faz parte de nós, a nossa característica forte é a busca pela geração de renda, conseguimos nos organizar, mas não é somente pelo recurso, aqui conversamos, nós damos risadas é um bem estar. Somos família”. (INFORMANTE 04, 04/2016).



Figura 14: De maneira artesanal as mulheres dão forma aos biscoitos de licuri. (DANTAS, 2016)

Não é renunciando a comunicação técnica no sentido de circulação de informações. No entanto, muitas ocasiões ela diminui a interação entre os sujeitos. O fato do grupo de produção decidir por guardar o rádio num canto para proporcionar uma tranquilidade na conversa entre elas acaba reforçando que, por mais evoluída seja a técnica de comunicação, a relação face a face ainda é decidida por elas como importante.

“Foi proibido ouvir o rádio, nós conversamos e geralmente o rádio ficava ligado em programas de notícias não dava certo, atrapalhava” (INFORMANTE 04,05/2016).

“O rádio? Encostamos ao canto, preferimos desligar atrapalha nossa conversa, não falta assunto entre a gente” (INFORMANTE 03, 04/2016).

Em volta de uma mesa e com a divisão de algumas tarefas num tempo cronometrado mentalmente, porque pela localização da sede de produção a sensação de quem olha/observa é de que o tempo tem um ritmo diferentemente mais lento.



Figura 15: Em volta de uma mesa e com a divisão de algumas tarefas num tempo cronometrado mentalmente. (DANTAS, 2016)

Diversos temas são abordados desde a administração do grupo como acontecimentos recorrentes da própria comunidade e /ou de contextos próximos, classificados por elas como “resenhas”.

Esta comunicação e/ou trocas de experiências ocorrem exatamente pela disposição que cada mulher tem de concordar e/ou discordar do que está em discussão nas relações de convívio. Um convívio partilhado por mulheres de diferentes gerações, no grupo há mães, filhas, mulheres jovens e mulheres que já sonham com aposentadoria rural. Segundo as mulheres no Regimento Interno⁹ do “Grupo Sabores da Terra”, consta e há critérios e normas de convivência, ética, e um critério de entrada e saída: Idade mínima para fazer parte são 16 anos e com 55 anos, que com base nas leis vigentes as mulheres devem sair e assim para alcançar a aposentadoria rural e abrir espaços para as mais jovens, na perspectiva de que as jovens rurais permaneçam no campo.

Nesta interação aponta separação geracional percebidas em narrativas decorrentes, através de memórias, das pioneiras do grupo dentro de um conjunto formado por elementos simbólicos numa pluralidade cotidiana e histórica - cultural da comunidade. E com as mais jovens, numa linguagem bem articulada, a linguagem usada para se comunicar típica dos jovens conectados na

⁹ Um instrumento comunicativo, que mesmo sendo um grupo informal, este trata de forma sistemática as práticas em comum e regras das empreendedoras.

contemporaneidade em qualquer outro lugar. Bem como as demais localidades rurais que igualmente, as influências da globalização afetam o local. Um lugar territorialmente rural (casas afastadas uma da outra, principalmente da sede de produção) não impossibilita a atualização e as informações adentrarem ao grupo.

Facilmente com estas diferenças não só de idade, mas de interpretações, significados e sentidos individuais levam a distintos comportamentos e atitudes, as próprias dificuldades de grupo e/ou as demandas de produção levam a situações também de estresses, são prazos de entregas para cumprir, longas jornadas de trabalho para alcançar a produção exata, naturalmente corresponde a um clima de cansaço e tensão.



Figura 16: Não se escuta outro som, ruídos, suas próprias falas e o ecoar das suas ferramentas de trabalho. (DANTAS, 2016)

O ambiente pode esquentar, como o vapor das panelas e das chamas acesas dos fogões todos ligados, no entanto de dissolve como as massas de receitas que juntam todos os diferentes ingredientes, para ganhar consistência e formato, na medida em que se controla a quantidade certa e o ponto certo de cozimento e preparo de cada receita. E assim, não se escuta outro som, ruídos, suas próprias falas e o ecoar das suas ferramentas de trabalho, panelas, liquidificador dão conta de uma experiência de comunicação simbólica.



Figura 17: O barulho das panelas, facas e equipamentos sobre a mesa, agitam a rotina as expressões se modificam. (DANTAS, 2016).

Há sim estes momentos de muita produção, atreladas às preocupações e com discordâncias, em que o ritmo calmo da localização aparenta sumir internamente. O vapor das panelas, o barulho das panelas, facas e equipamentos sobre a mesa, agitam a rotina as expressões e as ações se modificam, porém a interação do coletivo, com responsabilidade individual de cada uma, as tarefas são codificadas e ritualizadas entre elas.



Figura 18: Selecionar o licuri e prepara-lo para a transformação em produtos como a empada. (DANTAS, 2016).

O grupo tem algo a destacar na vida de duas mulheres que desencadearam problemas com quadro depressivos, a gente percebeu chamou para participar e ajudou bastante. Uma precisou se afastou pela situação da própria doença, mas disse:- guarda a minha vaga, que eu volto. E a outra está aqui conosco, se tornou outra pessoa. Brinca e rir. (INFORMANTE 02, 04/2016)



Figura 19: A cumplicidade de um grupo que possuem vínculos, além da geração de renda, do financeiro. (DANTAS, 2016)

Nas figuras 18 e 19 demonstram a cumplicidade de um grupo que possuem vínculos, além da geração de renda, do financeiro é uma unidade inteiramente simbólica do ponto de vista interacionista, em que as relações e ações comunicativas refletem, por exemplo, sobre a mesa enquanto as mulheres executam um ritual e de forma repetitiva e rotineira dividem as suas tarefas, como ocorre ao selecionar o licuri e prepara-lo para a transformação em produtos como a empada, licores, biscoitos e o licuri caramelizado.

3.3 As interações simbólicas e ações comunicativas - sociais

O “Grupo Sabores da Terra” é sujeito de uma comunicação que acontece no que diz respeito a indivíduo e sociedade, se configurando num conjunto de sentidos,

de interpretações e/ou representações múltiplas e de investimentos simbólicos, compreendendo a interação como uma peça – chave. A unidade produtiva age em relação ao mundo social, esta “sociabilidade apresenta-se como um aspecto fundamental do estar-junto” (MAIA, 2002, p. 34). Conforme significados que a vida em sociedade ou em coletivo lhes oferece. “Em toda experiência integral existe forma, porque existe organização dinâmica”. (DEWEY, 2010, p. 139).



Figura 20: Hino do grupo (ainda com letra enquanto Copal) cantado no dia do balanço, com um artista da comunidade. (DANTAS, 2015).

Hino do Copal

*“Recebemos uma visita
Onde tudo começou
A Fundação e Natcho
O copal aqui fundou.
Trouxeram uma cartilha
Que agente estudou
Estamos capacitadas
E o trabalho começou
As mulheres do copal
Com geração de renda
Que as mulheres conquistou
Com nossa marca e rótulo
Nosso espaço melhorou
A avara deste ano*

*A vigilância aprovou.
Com o plano da Conab
Nossas vendas aumentou
As escolas estaduais
O grupo priorizou.
Parceiros fortes ao grupo
Foi quem nos ajudou
Aliança Santander
Também nos valorizou.
Todo este sucesso
Devemos aqui lembrar
Nossos clientes de agora
E os outros que vão chegar” (Cantado em 21/10/2015).*

O *estrar – junto* na comunidade de Papagaio como sentido de pertença e transformação possibilita o grupo organizar e promover um evento denominado Dia da Cultura em que reúne a comunidade para apresentação do balanço anual do grupo e na oportunidade mobiliza os moradores para participarem das atividades culturais e de interesse social como forma de integração e reconhecimento local, percebe-se que há um aglomerado de comportamentos simbólicos por parte das componentes do grupo, bem como a comunidade em geral, consistindo no interpretar, vivenciar e interagir nestas ações e na reação se fazendo parte.



Figura 21: Cartaz de divulgação do evento. (ARAUJO, 2015)



Figura 22: Apresentação do Balanço Anual do Grupo. (DANTAS, 2015)

Neste caso, as figuras 21 e 22 são as interações e os símbolos dos sujeitos entre os sujeitos, em que ao interagir ente si estabelecem uma relação de partilha de valores e identidades mediadas no vínculo do comum.

As experiências surgem ou surgiram da ação coletiva, estas experiências anteriores ou atuais possuem significados, os quais os símbolos a partir de um processo interpretativo pessoal de cada mulher, porém numa interação social com os demais sujeitos da comunidade e sociedade.

As interações simbólicas das mulheres traz uma ampla implicação ao considerar os processos interpretativos em que os significados sociais ocorrem numa condição mediante os sujeitos, os quais são sujeitos ativos dentro do processo comunicativo. Esses significados são modificados diante de um processo interpretativo usado pelas mulheres no trato com os acontecimentos com os quais se enfrentam, isto é, trata-se de um produto da vida social. Estas interações entre si e/ou com a sociedade em geral, num aspecto cultural e social, proporcionam também o reconhecimento social, identitário, representado na premiação “Mulher de Fibra”, realizado numa comemoração do Dia Internacional da Mulher, promovida pelo Sintraf- Valente exposta na sede do grupo.



Figura 23: O reconhecimento social e identitário, representado na premiação. (DANTAS, 2016).

O valor e significado simbólico do reconhecimento igualmente são partilhados no boletim informativo produzido por uma rede de assessoria técnica e extensão rural do Nordeste, dentre outros materiais guardado num armário de maneira bem

cuidadosa também agrega valores simbólicos, significados de essência pessoal, mas, sobretudo retratam a construção de uma história, mesmo que as fotografias de cada material impresso não representem todas as mulheres adultas e as mulheres jovens da atual formação do “Grupo Sabores da Terra”. Porém retrata uma história reconhecida, partilhada e contada.



Figura 24: O valor e significado simbólico do reconhecimento igualmente são partilhados no boletim informativo. (ARAUJO, 2016)

O partilhar e o desenrolar das experiências provém das vivências formativas, não somente na produção, bem como as relações de gênero equitativas, em que as mulheres desenvolvem em outros ambientes do cotidiano, tornando-se vínculos e laços simbólicos comuns. “[...] a coexistência grupal humana representa necessariamente um processo formativo e não mero campo para expressão de fatores preexistentes”. (BLUMER, 1980 p.127).



Figura 25: O partilhar e o desenrolar das experiências provém das vivências formativas. (ARAUJO, 2016),

Esta interação simbólica intercedida por elementos/fatores simbólicos é compreendida como uma construção por meio da comunicação entre duas ou mais pessoas, neste sentido as ações em relação aos fatos baseia-se no significado que estes fatos e situações apresentam para cada um/a. Significados estes que são resultados da interação de coexistência grupal humana e que podem ou não serem modificados num processo formativo.

3.4 As tecnologias e suas afetações: recados, acertos e vendas

As experiências de comunicação por meio das interações sociais e simbólicas formam comportamentos, isto é, ao considerar a sociedade interativa, constituinte, fundante para o fornecimento de significados, por parte dos objetos, sendo estabelecido no grupo laços de confiabilidade e sociabilidade, construindo e reconstruindo valores tanto individuais como coletivos. Entretanto, importante ressaltar que o grupo sobrevém por um processo de renovação de componentes desde o seu surgimento, mediante oportunidades que são surgidas em outros contextos no caso das mais jovens egressas, desistências por parte de algumas, o

fato é que há na unidade produtiva um encontro de diferentes gerações, percebidas nas narrativas e expressões, em que a técnica e/ou tecnologia acompanhou todo esse percurso de mistura com a modernidade e tradição.

Em outros termos, as teletecnologias criaram uma nova forma de estreitamento da comunicação, que tolhe a capacidade de expressão das pessoas, na medida em que essas técnicas representam, em essência, meios de transmissão de condutas, que submetem nossa competência comunicativa às suas rotinas, a seus cenários, a seu calendário: vide, por exemplo, os vários ritos sociais criados pelo hábito de ver televisão. (RÜDIGER, 2011, p. 53).



Figura 26: A técnica e/ou tecnologia acompanhou todo esse percurso de mistura com a modernidade e tradição. (DANTAS, 2016).

Se por um lado a comunicação é uma experiência antropológica, na qual consiste naturalmente comunicar-se cotidianamente para com o outro e compartilhar símbolos e significados. Por outro sendo a ação um produto social interpretado nos significados e estes significados são provocados por interações, compreende - se que os fenômenos simbólicos e comunicacionais no grupo denotam afetações nas interações simbólicas que advêm virtualmente, em decorrência da ampliação do uso dos computadores, de celulares.



Figura 27: Afetações nas interações simbólicas que advêm virtualmente. (DANTAS, 2016)

Para os recados entre elas no que diz respeito à articulação para reunião e/ou encontros, para as mais próximas funciona um “grito” para as mais distantes não só a tradicional ligação, não mais a mensagem de texto, considerando e acompanhando a atualidade, há o “Grupo Sabores da Terra” em grupo de WHATSAPP¹⁰. É estabelecido no grupo, neste caso de WhatsApp laços de confiabilidade e sociabilidade, construindo e reconstruindo valores tanto individuais como coletivos. Todas possuem celular, por enquanto não são todas que estão no grupo de WhatsApp, falta ainda manejo para a utilização desta novidade por parte de poucas. Mesmo as mulheres que tinham dificuldades na leitura e escrita, utilizam os aparelhos com frequência. Aliado aos dispositivos e aplicativos, o convívio destas melhorou no que se refere à integração inclusive em falas, antes pouco provável. São alguns dos exemplos narradas pelas demais componentes mais articuladas. Estas, por sua vez, dominam e tem acesso a internet com rede Wi-Fi¹¹ em suas casas, já que no ambiente de trabalho se limitam a ligações de vendas com os clientes, estabelecimentos, entidades e organizações para acertos de comercialização.

¹⁰ Aplicativo para celulares, utilizado mensagens de texto, vídeos, fotos, áudios, por meio de conexão via *internet*.

¹¹ É uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos para conexão.

A conexão ainda é limitada não são todas que possuem internet, porém se utiliza os dados móveis para o acesso e acontece a compartilha para com as que não têm.

É possível analisar que não distante de outras realidades de comunidades rurais, a globalização, mediante seus avanços tecnológicos, referente às técnicas bem como as informações chegam à unidade produtiva, afetando especialmente a geração atual (jovens), com uma compreensão de mundo que difere das gerações anteriores. Desta forma, são encurtadas as relações de informações e impactos entre o local para com o mundo.

[...] a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância. (HALL, 2011, p. 69)

Tratar-se dos meios contemporâneos, sobre os comportamentos das mulheres e novas formas de sociabilidade emergiram com a Internet.



Figura 28: Sobre os comportamentos das mulheres e novas formas de sociabilidade emergiram com a Internet. (ARAÚJO, 2016)

O perfil “Sabores da Terra” no Facebook não é utilizado de maneira frequente, alega-se falta de tempo para administrar. Existe uma cobrança das mais velhas para com as mais jovens na responsabilidade de assumir as postagens, considerando a facilidade e habilidade maiores de acesso, esta função fica a cargo de uma componente do grupo que possui outras atividades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa proporcionou através do “Grupo Sabores da Terra” o “saborear” conhecimentos, ao investigar as experiências comunicacionais da unidade produtiva, mediante as suas interações simbólicas. O grupo tornou-se um determinante universo simbólico reunindo em seu cotidiano um contexto composto por significados, interpretações e valores ao decorrer da sua história. Perpassando desde o seu surgimento a representação enquanto marca/imagem, que surge e ressurge ao demarcar cada momento. Esta logomarca retrata não somente uma marca/imagem, mas uma realidade que se faz imagem, a qual segue “obediência” de significar e simbolizar o referencial destas agricultoras familiares, inseridas numa comunidade rural, que desafia as distâncias e as faltas, bem como é responsável em levar todo o significado e importância de um elemento simbólico, interpretativo e representativo que se adequou aos momentos de transformação, sendo interpretado e reinterpretado por cada componente do grupo investigado.

A unidade produtiva “Sabores da Terra” se constitui com as particularidades individuais de cada mulher, bem como as diferentes gerações existentes, o fato de partilhar do mesmo espaço as mais jovens de uma formação contemporânea, não impede de haver uma convivência e um sentimento de pertença, uma composição refletida de empoderamento, protagonismo e conquistas de valores de significados, para além do econômico, da comercialização. São símbolos que permitem uma relação de identidade com a marca e nome que as simboliza.

Estas interações simbólicas trazem as referências culturais, narrativas de identidade materializadas em gestos, nas narrativas, na produção de cada receita, se aproximando a arte e ao artesanato ao produzir os sequilhos, biscoito de licuri, licores, consolidando em experiências de comunicação não só limitada na marca, em que por si só abrange uma capacidade de inúmeras reflexões, mas entrelaçam sentidos, significados, de forma rotineira e repetitiva. O cotidiano simbólico proporcionam às mulheres valiosas experiências de comunicação de laços comuns vinculados a uma identidade e a um pertencimento. Daí, o desafio à comunicação social enquanto teoria e método não são simples à discussão acadêmica no que diz respeito ao campo teórico e metodológico da comunicação, principalmente ao adentrar numa reflexão para trazer a comunicação sob o fenômeno comunicacional

das experiências, as quais fazem parte de um elemento antropologicamente comunicativo encontrado nas experiências de comunicação e suas relações de interações simbólicas.

No entanto, vislumbrando investigar as formas e condições das experiências de comunicação, examinando as interações simbólicas considerando sujeito/fatores simbólicos numa tentativa de enxergar a comunicação para além da midiática, técnica (transmissão de informações). Esta pesquisa possibilita analisar o compartilhamento das experiências dos sujeitos, neste caso das mulheres agricultoras familiares do Grupo de Papagaio e interpretar como interações simbólicas.

Através das suas experiências no grupo, foi possível enxergar o entrelaçamento do compartilhar um mundo comum entre as mulheres, a produção executada por elas, no sentido de produtos oriundos da Agricultura Familiar, a exemplo do licuri, característica forte na comunidade, deixam de ser apenas um produto para a comercialização e consumo. Há aí um conjunto de fatores simbólicos que se concentra na marca, a partir de um fenômeno comunicativo, não um fenômeno midiático concentrado apenas na técnica funcional (rádio, televisão, internet e outros), puramente funcional, mas um processo de interação simbólica, mediada pelo empoderamento feminino, a resistência pela implantação e continuidade da unidade produtiva, constituindo o pertencimento e a identidade.

Esta pesquisa permitiu compreender a historicidade presente na imagem, hoje sendo a história é representada na imagem através de arte (uma mulher de braços abertos, um cesto de frutos na cabeça e justamente os braços abertos formando o “T” da palavra terra), constituindo imagem, a comunicação visual com a importância do nome, um vínculo comum: nome marca e comunidade. Neste vínculo comum entre os sujeitos, acontece uma experiência comum da mesma realidade vivida e experienciada, uma comunicação não somente funcional e operacional, porém representada e estruturada simbolicamente. Visto que em cada rótulo, no banner, nas narrativas aparecem intersubjetivamente diversos significados, encontram-se nesta marca/imagem, as “marcas” de uma trajetória.

Portanto, o desafio de compreender estas vivências, examinar o cotidiano em laços simbólicos, a maneira adotada para tal observação participante, o que possibilitou aproximar para uma percepção da comunicação, para além de dispositivos e informativos, compreendendo também que há este universo simbólico,

o qual é composto e representado cotidianamente, por meio dos sujeitos com as ações concretas, numa comunicação verbal ou não verbal. Bem como as afetações dos avanços das tecnologias, desde a necessidade de uma balança digital ao acesso no WhatsApp, com a tecnologia eletrônica tem-se outras experiências comunicacionais, o tempo e as distancias se encurtam. Assim sendo, se junta às experiências do face a face em volta de uma mesa e com a divisão de tarefas cotidianas.

Contudo, foi exposta nesta pesquisa às experiências comunicacionais, por meio das interações simbólicas do “Grupo Sabores da Terra”, uma unidade produtiva de mulheres agricultoras familiares. Daí a Comunicação Social, sendo desafiada a interpretação enquanto referências culturais locais e simbólicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora- dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APAEB, Fundação. **Relatório Anual 2009**. Valente, BA, 2010. Disponível em <<http://www.fundacaoapaeb.org.br/portal/>>. Acesso em: 29/05/2016.

BARROS, Alice Monteiro de. **Cidadania, Relações de Gênero e Relações de Trabalho**. Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg., Belo Horizonte, v.47, n.77, p.67-83, jan./jun.2008

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, David (Ed.). Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980 p. 119- 137.

BRASIL Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003. A Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES - foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia: saberes e práticas**. Revista Iluminuras. V.9, n.21, 2008.

GODOY Elenilton Vieira; SANTOS Vinício de Macedo. **Um olhar sobre a cultura.** Educação em Revista Belo Horizonte. v. 3,n.03. 1541. Julho-Setembro 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KOTTAK, C. P. **Um espelho para a humanidade.** Porto Alegre: Penso/McGraw Hill, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAIA, R. C. M. **Sociabilidade: apenas um conceito?** In: A sociedade da informação. UFBA Salvador. UFBA, nº 42, V.2, 2002 p. 29-39.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Resolução 66/222 da ONU 2014. Ano Internacional da Agricultura Familiar. ONU, 2014.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas.** Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos. Unisinos, v. 11, n. 1, p. 33-43, janeiro-abril/2009.

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação.** Porto Alegre: Penso 2011.

VIANA, M. S. A IDENTIDADE EM IMAGEM: RETRATOS DA FEIRA-LIVRE DE COITÉ-BA. In: I SINBAIANIDADE – Simpósio Internacional de Baianidade e II CILLAA – Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Africanas e Afro-Brasilidade, 2015, Salvador. Anais. Salvador: UNEB, 2016. p. (s.n).